

OVO COM SABONETE

*** Roberto Rodrigues**

Todos os “causos” relatados nesta coluna são reais, ocorridos nas mais diversas localidades do interior brasileiro. Alguns tive a sorte de presenciar, mas a imensa maioria me foi contada por amigos ou conhecidos que assistiram os acontecidos.

Como muito deles são divertidos para quem não foi vítima ou causador dos fatos, a narrativa aqui feita tem 3 características: a primeira é que tudo se passa numa vila “inventada”, Cruz Branca do Meio, perdida em algum lugar de cerrado ruim onde o progresso demora a chegar; a segunda é que os nomes dos reais personagens são trocados por nomes fictícios; e a terceira é que misturo 2 ou 3 “causos” com personagem reais diferentes em um único, fictício. Com isso, espero que não se identifiquem os personagens: com lugar inventado, nomes trocados e causos misturados, só um Sherlock da roça saberia de que se trata, e onde.

Isso explicado, vem aí uma história acontecida lá no Meio por volta dos anos 50 do século passado.

Como sempre acontece em pequenos burgos do interiorzão, as pessoas sabidas logo identificam as fraquezas dos outros. E tratam de explorar estas fraquezas com todo tipo de brincadeira, nem sempre com final feliz. Às vezes, há até certa maldade por trás das armações feitas pelos espertos em cima dos mais fracos. Mas a vida é assim mesmo, em qualquer lugar do mundo.

Pois naquele tempo, havia uma super conhecida marca de sabonete, Lifebuoy. Certa feita, o fabricante do perfumado sabonete criou um prêmio para estimular o seu consumo: a propaganda dizia que quem encontrasse uma chave de automóvel dentro do sabonete, ganharia um carro último tipo, “rabo de peixe” ambicionado por todo mundo.

Lá no Meio tinha um sujeito da mais pura boa-fé, o Ximbica, hipocondríaco radical, que já frequentou esta coluna. Alguns malandros pegaram uma chave velha e a esquentaram até ficar vermelha; com jeito, a enfiaram num Lifebuoy novinho, porque ela derreteu o sabonete, de tão quente. Depois reembrulharam a peça, bem arrumadinha, e a deixaram separada na farmácia da cidade. Ficou lá, esquecida, até o dia que a mulher do Ximbica veio comprar umas coisinhas e levou o sabonete junto. Já sabemos o que aconteceu, é claro. No meio de um banho, Ximbica sentiu a pontinha da chave, abriu o sabonete, saiu do banho e da casa anunciando aos 4 cantos que havia ganho o carrão. Pagou várias rodadas de cerveja para os amigos, em alegria incontida, até que, penalizados, os malandros o avisaram da brincadeira.

Foi horroroso, e a tristeza do Ximbica só amainou quando os safados fizeram uma vaquinha e pagaram as despesas da comemoração.

Anos depois, ele foi pego em outra armação.

Havia um padre milagreiro em Tambaú, padre Donizetti, que provocava verdadeiras romarias à cidade, em busca de causas impossíveis.

Um malandro do Meio colheu um ovo fresco na granja do Ximbica e montou uma safadeza científica: cobriu o ovo com uma resina e sobre ela

escreveu com a pontinha de um estilete: “milagre do padre Donizetti”. Colocou o ovo em água fervendo, derretendo a resina: mas a inscrição foi transferida para a casca do ovo, de forma indelével, não tinha como apagar. E saiu esbaforido pela vila, anunciando o milagre, carregando a galinha responsável e o ovo milagroso.

Pura armação, mas o pobre Ximbica se sentiu um emissário divino: o ovo acabou exposto na capela da vila, produziu reportagem no semanário da cidade grande, veio gente em romaria para rezar com o ovo. E o Ximbica, sereno, puro, imaculado, dono do ovo, da galinha e do milagre...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**